

TRIBOS DE ÍNDIO DE CARNAVAL: reconhecimento e ocupação do espaço público na cidade de João Pessoa

*Jessyca Barbosa Marins
Marco Aurélio Paz Tella*

INTRODUÇÃO

Nas cores amarelo, branco e vermelho, o bloco carnavalesco Tribo de Índio Guanabara¹ entrou na avenida para participar do desfile oficial do Carnaval Tradição, no ano de 2014, na cidade de João Pessoa. Resultado de meses de muito suor derramado de “gente que elabora indumentárias, ensaia danças, afina os instrumentos, e entra na avenida com a finalidade de ser vista e aplaudida, admirada, reconhecida” (CRUZ, 2011, p. 169). Nesse momento, já se podia perceber a animação da torcida do Bairro de Mandacaru. Entre pequenos saltos e troca de pernas, os membros da Tribo de Índios Guanabara foram abrilhantando o carnaval de amigos, vizinhos, apreciadores dessa agremiação e também outros atores, como políticos, jornalistas, ambulantes e a Comissão Julgadora. Gente de todas as idades, oriunda, em sua grande maioria, dos bairros populares² da cidade. Esse

1 Tribo de índio ou Tribo indígena é a forma como são nominadas as expressões carnavalescas que fazem menção às culturas ameríndias. Sendo importante ressaltar que nenhum dos integrantes se reconhece enquanto indígenas.

2 Entendo por bairros populares aqueles desassistidos pelo poder público, com problemas de saneamento básico, habitação, saúde, educação, espaços para lazer, segurança. São bairros que sofrem processos de marginalização e segregação socioespacial. No caso específico de João Pessoa, pode-se encontrar alguns desses bairros em regiões centrais da cidade ou próximo à área litorânea, contrariando a ideia de bairros periféricos.

é o momento da apresentação de um dentre diversos blocos que passam pela passarela oficial do carnaval de João Pessoa, o Carnaval Tradição, promovido pela prefeitura dessa cidade, no bairro da Torre.

A partir das experiências culturais urbanas do bloco de carnaval conhecido como Tribo de Índio Guanabara, do bairro Mandacaru, na cidade de João Pessoa, o artigo pretende problematizar formas de se relacionar com a cidade, como os membros da Tribo articulam direitos culturais e formas de ocupar espaços públicos no bairro e, por último, meios para busca por reconhecimento da prática cultural do bairro Mandacaru.

CARNAVAL TRADIÇÃO

Pode-se entender que há dois modelos de carnaval na cidade de João Pessoa, o carnaval Folia de Rua e o Carnaval Tradição. Ambos possuem investimentos de recursos e materiais da prefeitura municipal de João Pessoa, entretanto, como veremos no decorrer do artigo, não há simetria na distribuição desses recursos.

O carnaval Folia de Rua é o modelo que mais recebe investimento financeiro e visibilidade do poder público, empresários e mídia. São blocos de diversos tamanhos que se espalham pela cidade na semana pré-carnaval. Os grandes blocos podem receber mais de 100 mil pessoas, como, por exemplo, as Muriçocas e bloco das Virgens. Não pretendemos analisar o carnaval Folia de Rua muito menos seus blocos; apenas advertir para o desequilíbrio de investimento e visibilidade oferecidos aos dois carnavais.

Nos dias propriamente de carnaval, há grande mobilização de moradores, principalmente de classe média de João Pessoa, para brincar o carnaval de Olinda e Recife Antigo. Para isso, há investimento pessoal em reservar hotéis ou alugar casas em Olinda e Recife ou em viagens realizadas

por empresas de transporte que fazem o percurso de ida e volta – João Pessoa-Olinda/Recife-João Pessoa – no mesmo dia. Dessa forma, a parte litorânea – e turística – da cidade fica tranquila para moradores e turistas desapegados do clima carnavalesco. São nesses ditos dias tranquilos do carnaval pessoense que o Carnaval Tradição acontece.

A prefeitura de João Pessoa centraliza o Carnaval Tradição num lugar específico da cidade, a Avenida Duarte da Silveira, localizada no bairro da Torre, região central, lugar oficial da folia em três dias de festa, tendo início no sábado de carnaval e encerramento na segunda. Ele consta principalmente de um Desfile Oficial/Campeonato das Agremiações do Carnaval de João Pessoa, entre elas, Tribos de Índio, Ala Ursas, Escolas de Samba, Orquestra de Frevo, divididas em duas categorias, “A”, as mais pontuadas, e “B”, as menos pontuadas.

No desfile oficial, os grandes capacetes da Tribo de Índio Guanabara dão início ao cortejo, como um “abre alas” dessa agremiação. O desfile tem 15 minutos de duração, relativamente pouco, mas esse tempo tem grande importância para esses artistas anônimos que encontram no carnaval uma alternativa para serem vistos positivamente, numa cidade em que grande parte da mídia e moradores os estigmatiza e os desqualifica socialmente.

Além do Desfile Oficial, nos dias do carnaval ocorrem outros pequenos desfiles nos bairros dos quais as agremiações são oriundas. Cada comunidade faz seu “Pequeno Carnaval” independente. Destacando a importância desse desfile para os grupos populares, Sousa salienta que esse é o

momento em que as pessoas saem de suas comunidades, dos seus bairros e fazem seu carnaval, ou seja, mostram sua cultura, o que sabem fazer, o que os caracterizam enquanto artistas e construtores de saberes em um meio social. Mostram os esforços de quase um ano (2006, p. 16).

Como dito acima, as práticas culturais ligadas ao carnaval – e, especificamente, os blocos de Tribo de Índio – recebem pouco incentivo e investimento da prefeitura municipal de João Pessoa. Diferentemente dos grandes blocos que desfilam pela cidade na semana pré-carnaval, que também recebem investimentos volumosos da iniciativa privada. Os Clubes de Orquestra, Ala Ursas, Batucada, blocos de Tribos Indígenas e escolas de samba – ao todo, 42 agremiações – que desfilam no Carnaval Tradição receberam no ano de 2018, R\$ 410.000,00. Já o carnaval Folia de Rua recebeu investimento de R\$ 450.000,00 somente da prefeitura³. Com os patrocínios da iniciativa privada, essa quantia triplica, em decorrência da visibilidade midiática do Folia de Rua, fato que não ocorre com o Carnaval Tradição.

Há um evidente interesse em promover um modelo de carnaval em detrimento de outros, visando beneficiar os interesses de uma minoria, quais sejam, os empresários e investidores, principalmente a mídia, sujeitos importantes “na implementação do ‘Grande Carnaval’, pois estes estimulavam os negócios” (Queiroz, (1992, p. 53).

Um documentário produzido pela Fundação Cultural de João Pessoa (FUNJOPE, 2010) sobre o Carnaval Tradição de João Pessoa, intitulado de “Tem Carnaval aí?!” traz à tona algumas problemáticas em torno desse carnaval. Mesmo se tratando de um documentário produzido por um órgão público, ele revela através de depoimentos de mestres, participantes, lideranças políticas e acadêmicos, ou seja, por diversas óticas, que o Carnaval Tradição é um carnaval “esquecido” na distribuição de recursos públicos, reforçando uma segregação já existente na festa da cidade. Em João Pessoa, o carnaval Folia de Rua se afirma como o Carnaval das elites, a parte “nobre” do “Grande Carnaval”, enquanto que o “Carnaval Tradição” se legitima como um Carnaval popular, “Pequeno Carnaval” oficial, feito por pobres, para pobres assistirem.

3 <http://www.joaopessoa.pb.gov.br/prefeitura-de-joao-pessoa-vai-investir-mais-de-r-400-mil-no-carnaval-tradicao-2018/>. Acesso em 22 de setembro de 2018.

O bairro Mandacaru é um dos bairros populares em que o Carnaval Tradição acontece, com bandeirinhas coloridas espalhadas, penduradas nos postes, ruas interditadas, palcos montados, crianças na rua brincando de “mela-mela” com spray de espuma e atiradores de água.

BLOCO TRIBO DE ÍNDIO

Apesar de, em João Pessoa, alguns grupos se vestirem de indígena para brincar seu carnaval, devemos ter o cuidado para não confundir esses grupos com os Caboclinhos, por exemplo, grupos que também se vestem de indígena para brincar seu carnaval, na cidade do Recife. Em visita à Paraíba, Mario de Andrade, em 1928/29, fez um dos primeiros registros dessa expressão artística denominada por ele de “Cabocolinhos”, que, em sua definição na obra “Danças Dramáticas do Brasil”, seria o “nome genérico, usado no Nordeste, para designar toda e qualquer dança dramática inspirada nos usos e costumes ameríndios” (1982, p. 185). Na atualidade, sabemos que não é bem assim: “Caboclinhos” e “Tribos de Índio” e outros possíveis grupos de dança que se vestem dessa forma são expressões artísticas distintas, representando em suas performances a imagem dos índios de diferentes formas.

Os blocos Tribo de Índio se tornaram uma das expressões festivas de alguns bairros da cidade, que se apresentam anualmente na festa oficial do Carnaval Tradição da cidade de João Pessoa, num desfile e nas pequenas festas nos bairros de origem. As Tribos de Índio consistem, grosso modo, de uma expressão artística relacionada ao carnaval em que pessoas dançam e dramatizam o “ritual da matança”⁴. Assim, em João Pessoa, as Tribos de

4 Ritual dramatizado no desfile. Momento onde os integrantes simulam uma batalha entre si, onde todos morrem, restando apenas o Cacique/Pajé e o Feiticeiro. Após recitada a Loa pelo Cacique/Pajé, todos ressuscitam.

Índio se apresentam anualmente para um público de vizinhos e amigos e, nos casos de concursos, para uma comissão julgadora que avalia e pontua as suas performances em um desfile/concurso promovido pela prefeitura municipal de João Pessoa⁵, de acordo com diversos critérios, como conjunto, coreografia, fantasias, capacetes⁶, batuques e estandartes. Todos dançam e encenam o “ritual da matança” com os seguintes personagens: cacique, pajé, feiticeiro, caçador, espiões (que carregam os grandes capacetes da tribo), porta-estandarte, conjunto de tocadores de percussão, cordões (filas de ambos os lados de índios dançando o “tore”), invasores, contramestre e curumins (grupos de crianças que participam do desfile).

A Tribo de Índio Guanabara, do bairro Mandacaru, é composta por 80 membros⁷, entre músicos e dançarinos. Os integrantes⁸ são quase todos oriundos do bairro e se encontram durante alguns meses do ano, em um ciclo carnavalesco⁹, para ensaiar, socializar, festejar, enquanto se preparam para a competição dos desfiles de carnaval. O grupo musical é composto por ganzá, triângulo, bumbo e um instrumento de sopro feito de cano PVC denominado pelos integrantes por gaita, que apresenta um som bastante característico, se constituindo como um dos referenciais dessa expressão artística.

Nos ensaios observados, de setembro de 2013 a fevereiro de 2014, todos eles ocorreram aos sábados à noite, coordenados pelo Seu

5 A prefeitura municipal de João Pessoa monta uma modesta estrutura para o desfile, com uma pequena arquibancada, banheiros químicos, policiamento, bombeiros e serviço médico emergencial. No ano de 2018, a prefeitura investiu R\$ 410 mil no Carnaval Tradição, beneficiando 42 agremiações da cidade.

6 Espécie de cocares gigantes, que chegam a pesar 40kg; se constituem em um dos maiores símbolos dessa expressão artística, em João Pessoa.

7 É importante ressaltar que nenhum dos integrantes se reconhece enquanto indígena; são apenas “índios de mentira”. “índios de carnaval”.

8 Sendo composta em sua maioria por negros/as.

9 Entendendo aqui por ciclo carnavalesco todo o período que se estende desde os preparativos até os dias de Carnaval.

Antônio, ou Tonho¹⁰, como é chamado pelos seus próximos. Os ensaios aconteceram na rua José Gomes Júnior, rua do Residencial Vila Rica, na frente da casa de Seu Antônio. É uma rua de terra com pouca iluminação, a sua esquina cruza com a rua Alfredo José Ataíde, rua asfaltada por onde passam os ônibus da linha 504 e onde encontramos, de um lado, uma casa em construção (aparentemente abandonada) e, do outro lado, um terreno baldio com bastante mato.

Por volta das 19 horas, já se podia perceber uma maior movimentação na rua onde acontecem os ensaios: integrantes, amigos e vizinhos começavam a se concentrar na frente do Residencial Vila Rica. Todos pareciam sempre estar muito à vontade, com trajes cotidianos. Os rapazes vestiam bermudas, camisetas, colares de prata e calçavam chinelos, estampando marcas de surf ou skate. Os homens mais velhos também usavam bermudas, camisas e chinelos, mas não exibiam nenhuma marca famosa. As meninas usavam shorts jeans curtos e blusas bem coladas aos corpos; a grande maioria também usava colares de prata, enquanto que as mulheres mais velhas usavam roupas mais folgadas.

Os grupos que ali se encontravam, nos ensaios, pareciam ocupar espaços distintos naquele cenário: os homens que compõem a banda estavam na rua, como de costume, na frente do Residencial; as mulheres que acompanhavam seus filhos e filhas no ensaio ficavam nas calçadas, mais afastadas do Residencial, colocando os assuntos cotidianos em dia; os jovens dançarinos/as, geralmente se aglomeravam no início da rua, próximo da rua principal, onde passam os ônibus, como se quisessem se manter distantes dos demais grupos, e ficavam sempre mexendo no celular, namorando e conversando às escondidas. Quanto mais se aproximava do carnaval, mais numerosos eles se tornavam nos ensaios e mais frequentes.

10 Seu Antônio é o que eles denominam de “dono da Tribo”.

Tais manifestações culturais observadas no bairro também são processos de busca por reconhecimento, manifestadas, com orgulho, na noite do Carnaval Tradição, com gritos oriundos da plateia, nos encontros de ensaios ou festas do bloco, em que exaltam o nome do bairro. A apresentação da Tribo nas noites de desfile do Carnaval Tradição é apenas a ponta do *iceberg*. Por debaixo dessa ponta, encontramos um conjunto de experiências de urbanidade em espaços públicos, a partir das diversas práticas culturais afro-brasileiras no bairro¹¹.

BUSCA POR RECONHECIMENTO

A busca por reconhecimento é a busca por estima, dignidade e respeito (HONNETH, 2003). No geral, as manifestações culturais afro-brasileiras, como os blocos carnavalescos, coco de roda, escolas de samba, capoeira, encontrados no bairro Mandacaru fazem parte das inúmeras batalhas/resistências ocorridas, no decorrer do século XX, contra à invisibilização social, da memória e da história da população negra, em várias dimensões da experiência social. A busca por reconhecimento articula memória do grupo e direitos culturais, implicando a defesa da diversidade, cidadania e respeito pelas pessoas e, no caso específico deste artigo, dos membros da Tribo de Índio Guanabara e, de forma mais geral, respeito ao bairro em que moram.

A desigualdade nos recursos investidos em cada carnaval e a não visibilidade confirmam o não respeito e falta de simetria entre os carnavais Folia de Rua e Tradição. De acordo com Nancy Fraser (2007), não há justiça social sem reconhecimento, visto que, para a conquista da

11 Há no bairro de Mandacaru três agremiações carnavalescas de tribos indígenas: Tupinambás, fundada 1930, Guanabara, fundada em 1960, e Tupi-Guarani, fundada em 1985, além de Quadrilhas Juninas, Coco de Roda, Escolas de Samba, Ala Ursas, Barca (Nau Catarineta), Capoeira, etc.

dignidade da pessoa, de um grupo ou de vários grupos – nos referimos aqui aos sujeitos envolvidos no Carnaval Tradição –, são imperativos dois princípios: redistribuição de recursos materiais de forma simétrica e garantia de respeito e estima social para todos.

Como indica Honneth:

[...] estimar-se simetricamente [...] significa considerar-se reciprocamente à luz de valores que fazem as capacidades e as propriedades do respectivo outro aparecer como significativas para a práxis comum [...] ‘simétrico’ significa que todo sujeito recebe a chance, sem graduações coletivas, de experienciar a si mesmo, em suas próprias realizações e capacidades como valioso para a sociedade (HONNETH, 2003, p. 210-211).

Essa diferenciação no trato governamental aos dois carnavais em João Pessoa é a continuidade do não reconhecimento, preconceito, desrespeito e discriminação com as práticas culturais protagonizadas pela população negra em nosso país. Ainda no documentário supracitado, Lau Siqueira¹² revela que o que acontece com o carnaval de João Pessoa se chama “preconceito de classe”, demonstrando assim a distância entre a realidade e o discurso do carnaval idealizado como a festa mais democrática da nossa sociedade.

Ao vociferarem o nome Mandacaru nos desfiles, ensaios e festas, as pessoas mesclam sentimento de orgulho e devoção ao bairro, em contraste com a imagem estigmatizante que se tem daquele espaço.

12 Artista, atual presidente da Secretaria do Estado da Cultura (SECULT), ex-presidente da Fundação do Espaço Cultural da Paraíba, ex-presidente da Fundação Cultural de João Pessoa (FUNJOPE).

BAIRRO MANDACARU

Situado na zona norte da cidade de João Pessoa, Mandacaru é cortado pelo Rio Mandacaru (afluente do Sanhauá) e atravessado pela linha férrea que liga João Pessoa a Cabedelo. Segundo dados do IBGE (2010)¹³, vivem em Mandacaru 12,5 mil pessoas, sendo a grande maioria negra. Mesmo distante três quilômetros do Centro da cidade, Mandacaru apresenta uma intensa atividade comercial: supermercados, feiras, lanchonetes, bares e serviços, tais como consertos de eletrodomésticos, móveis, oficinas mecânicas, lan houses, “armarinhos”¹⁴, além das igrejas, centros espíritas, escolas, PSFs, CRAS¹⁵ e terminal de ônibus, compõem o cenário desse bairro.

Além de Mandacaru apresentar problemas decorrentes da falta de investimento público na habitação, saneamento básico, saúde e educação, o bairro também apresenta números altos de violência e homicídio – estando no topo da lista em rankings divulgados anualmente pela Secretaria de Segurança e Defesa Social da Paraíba, sendo as principais vítimas jovens, negros, homens e pobres.

Cotidianamente, Mandacaru é alvo dos programas televisivos policiaiscos¹⁶, sendo tratado como um bairro extremamente violento, o que reforça uma representação carregada de estigmas, como se nada mais existisse além de assaltos, assassinatos, disputas de facções criminosas e tráfico. Para essa abordagem, podemos utilizar o conceito de “pânico moral” (COEHN, 1987), desenvolvido pela sociologia britânica no início

13 Disponível em www.sidra.ibge.gov.br

14 Pequenos estabelecimentos comerciais, onde se vende de tudo um pouco. Desde artigos de presente a fraldas descartáveis.

15 Centro de Referência da Assistência Social vinculados ao SEDES (Secretaria de Desenvolvimento Social e Combate à Pobreza) da Prefeitura Municipal de João Pessoa.

16 Programas televisivos sensacionalistas que enfatizam e naturalizam a violência. Esse tipo de programa, na atualidade, vem atingindo uma grande visibilidade em todo o país.

da década de 1970. Tal conceito explica o fenômeno do bode expiatório, quando a conduta de uma pessoa ou grupo de pessoas é classificada como uma ameaça aos princípios morais e sociais da sociedade. Como já exposto, os grandes meios de comunicação são responsáveis pela disseminação, de forma sensacionalista, dos fatos negativos ocorridos no bairro, contribuindo para legitimar o “pânico moral” contra, principalmente, os jovens negros e pobres do bairro, como também legitimar ações de repressão contra esse grupo e no bairro Mandacaru. O fenômeno do “pânico moral” classifica o comportamento e estilo de vida daquele grupo – jovens negros, pobres, homens, moradores do bairro Mandacaru – como desviante e ameaçador.

Enquanto isso, o seu lado positivo, sua intensa concentração de atividades artístico-culturais e associativas permanece invisibilizado pelos processos sociais de ocultação dessa produção. Em um artigo publicado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), objetivando analisar esses processos de desqualificação social midiáticos na cidade de João Pessoa, é-nos revelado que:

As manifestações artísticas e culturais são consideradas como ‘lazer’, isto é, destacadas dos seus contextos de produção e dos cotidianos dos seus autores, numa perspectiva que descarta o potencial criador e também consumidor dos mercados culturais periféricos (BARBOSA; CHIANCA, 2015, p. 135).

Apesar do medo decorrente dos problemas da violência urbana, das disputas das facções criminosas, do “pânico moral”, das dificuldades para circular na cidade – péssimo sistema de transporte público – e da falta de investimento em políticas culturais, as pessoas não deixam de ocupar espaços públicos da cidade, como acontece no bairro Mandacaru.

As ruas e praças, espaços urbanos do bairro, são ocupadas pela experiência artística urbana, contrariando o medo e o pânico moral,

transformando espaço urbano em espaço público, por meio da apropriação, da ação (LEITE, 2008). De acordo com Michel De Certeau, o espaço público é o “lugar praticado”, num contexto urbano em que as relações de poder se manifestam. Dessa forma, essa experiência artística urbana praticada no espaço público por pessoas, em sua maioria jovens negros/as, confronta a cidade do “pânico moral”, do individualismo, do espaço privado.

As pessoas que formam o bloco Tribo de Índio Guanabara se tornam protagonistas da ânsia das pessoas do bairro por estar na rua. Não só nos dias do Carnaval Tradição, mas na movimentação das ruas onde acontecem os ensaios e festas. São os membros do bloco, amigos e vizinhos que se concentram em frente ao Residencial Vila Rica, no bairro Mandacaru.

São em momentos como esses ou nas noites de desfile oficial no Carnaval Tradição nos desfiles no bairro que podemos observar as pessoas em completa euforia, vibrando por aquela expressão artística e a cada vez que o nome de Mandacaru era pronunciado, percebíamos como aquela expressão urbana artística é significativa para os moradores do bairro.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Karla e CHIANCA; Luciana. *O patrimônio imaterial na cultura digital: A (in)visibilidade do ‘popular’ na mídia*. Fortaleza: Série Cadernos do Patrimônio Cultural, 2015.

CANCLINI; Nestor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 1997.

CAVALCANTI; Maria Laura Viveiros de Castro. Entrevista. *Revista Observatório Itaú* n° 14. São Paulo, 2013.

COHEN, Stanley. *Folk Devils and Moral Panics: The Creation of the Mods and the Rockers*. Oxford: Basil Blackwell. 1987.

FELDMAN-BIANCO, Bela. *Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos*. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

FRASER, Nancy. Reconhecimento sem ética? In: FRASER, Nancy; SOUZA, Jessé; MATTOS, Patrícia (orgs). *Teoria Crítica no Século XXI*. São Paulo: Annablume, 2007.

GOLDFARB; Maria Patrícia Lopes. *Memória e Etnicidade entre os Ciganos Calon em Sousa- PB*. João Pessoa: Editora UFPB, 2013.

HALL; Stuart. *Da diáspora: Identidade e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HONNET, Axel. *Luta por reconhecimento. A gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo: Ed. 34, 2003.

KUHN; Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.

LEAL, Wills. *No tempo do lança perfume, ou a história do Carnaval de João Pessoa*. João Pessoa: Gráfica Santa Marta, 1994.

MARINS; Jessyca Barbosa. “Índios de verdade” e “Índios de mentira”: Identidade e Festa nas Tribos de Carnaval. Monografia apresentada no curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

NASCIMENTO; Marco Tromboni de S. *Toré Kiriri. O sagrado e o étnico na reorganização coletiva de um povo*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2005.

PEREIRA DE QUEIROZ; Maria Isaura. *Carnaval Brasileiro. O mito e o vivido*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

RODRIGUES DE CARVALHO, José. *O cancionero do Norte*. Instituto Nacional do Livro, 1976.

SCHECHNER, Richard. *Between Theater and Anthropology*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1985.

SOUSA, Cristiane Pereira de. *Meu mestre bem que me disse: memória e representação cultural nas Tribos de índios de carnaval em João Pessoa-PB*. Monografia apresentada no curso de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006